

## Mesa-redonda: “Memória e Correspondência”

## Os perigos da escrita

DENISE B. BRAGA

Professora do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp

Fazer parte dessa discussão de encerramento do evento foi desafiador para mim por diferentes razões. Primeiro, porque ao contrário das minhas colegas na mesa, minha experiência acadêmica com arquivos e análises de correspondências é inexistente. Segundo, porque eu fui convidada para falar sobre o impacto das novas tecnologias nos registros das interações presentes e na preservação da memória pública e privada na era digital. As colocações que pretendo fazer nessa mesa devem, portanto, ser entendidas como conjecturas que farei a partir das reflexões que tenho feito sobre o impacto das tecnologias nos processos de comunicação e de construção da cultura.

Considerando o fato de que, nessa mesa que reflete sobre a memória e correspondência, eu vou restringir minha fala às questões do presente e projeções para o futuro, optei por ancorar minhas considerações iniciais em um texto escrito sobre o passado. Nessa direção retomo a reflexão crítica que encontramos no Fedro de Platão, onde Sócrates alerta Fedro sobre os perigos da escrita, também produto de uma tecnologia. No trecho que vou referir, Sócrates fala do momento em que o Deus egípcio Theuth foi anunciar suas invenções, entre elas as letras, ao rei Thamus em Thebas:

“Chegou, por fim, a vez de falar dos caracteres da escrita: Eis, ó Rei, disse Theuth, um conhecimento que terá por efeito tornar os egípcios mais instruídos e aptos a memorizar: a memória e a sabedoria encontraram o seu remédio. Replicou o Rei: Incomparável e supremo artista, ó Theuth, aquele que é capaz de inventar uma arte, não sabe, porém, ver qual o malefício ou a utilidade que tal invenção pode trazer aos homens que dela se vierem a aproveitar. Nesse momento, eis que, na qualidade de progenitor das letras, a elas atribuis o contrário do seu verdadeiro efeito. Porque esse conhecimen-

to terá por resultado, naqueles que o adquirirem, tornar-lhes as almas esquecidas, pois deixarão de exercer a memória: pondo a confiança no escrito, graças às duradouras letras, será do exterior e não do interior e graças a si próprio que se lembrarão das coisas. Não foi, pois, para a memória, mas para a rememoração que tu encontraste um remédio".

Analisando o passado com o olhar do presente, sabemos que a tecnologia da escrita de fato alterou a nossa memória. Hoje, ao contrário dos gregos da Antigüidade, não conseguiríamos gravar na memória e sem o apoio dos livros longos textos filosóficos, ou narrativas épicas, como as que foram transcritas por Homero. Perdemos ao longo da história o domínio das estruturas poéticas (ritmo, rima e uso de expressões formulaicas), que eram um apoio mnemônico fundamental no processo de recordação de longos trechos de textos. No entanto, vale enfatizar que não perdemos a memória. Na realidade, desenvolvemos novas habilidades cognitivas e perdemos um tipo específico de memória, que passou a ser desnecessário com o uso mais constante da prosa e de seu registro escrito.

Hoje, nessa mesa, a questão que se coloca é o impacto do computador na preservação de documentos escritos, que permitirão no futuro reconstruirmos o passado. Os receios que temos e projetamos para um futuro incerto parecem ser recorrentes sempre que incorporamos às práticas cotidianas os produtos das novas tecnologias. As colocações de Sócrates em relação à escrita deixam bem evidentes os conflitos que se colocaram no momento de passagem de uma cultura fundamentalmente oral para uma cultura letrada. Repensar esse texto talvez nos ajude a rever, com o devido distanciamento crítico, as mudanças em processo nessa passagem da cultura letrada para a cultura digital. O texto que segue é continuação do texto de Platão, previamente citado:

"Sócrates:

- O que há de assustador, penso eu, na escrita, é que se pareça tanto com a pintura. Na verdade, os seres que esta dá à luz têm aspecto de seres vivos; todavia, se lhes fizermos qualquer pergunta, cheio de dignidades não responderão! O mesmo acontece com os escritos: julga-se que o pensamento anima o que eles dizem; interrogue-se, porém, um deles com a finalidade de nos elucidarmos sobre o que afirma, sempre responderão uma só coisa, a mesma sempre! Além disso, uma vez definitivamente composto segue um livro a sua viagem sem saber se cairá na mão de sábio ou de ignorantes e, já na partida, não sabe a quem se destina. Se alguém

discordar do que diz, refutando-o injustamente, para se defender, precisa sempre da ajuda do pai que o gerou: por si só é mudo, fraco e indefeso." (Platão, Fedro, 274c-275e)

Em uma sociedade, na qual a construção do conhecimento formal é fortemente ancorada na escrita, sabemos que, historicamente, encontramos formas alternativas para interpelar a voz dos registros escritos. A história me leva a crer que é possível encontrar formas alternativas para preservação da memória na era digital.

Feitas essas colocações mais otimistas, gostaria agora de refletir sobre os impactos que o computador já coloca sobre as correspondências, sobre os textos de circulação pública e privada, que serão foco das demais discussões desta mesa.

Considerando o universo público, sabemos que a tecnologia da internet ofereceu um espaço muito mais democrático para a voz pública. Superadas as barreiras do letramento digital, qualquer indivíduo pode assumir a autoria dos sites e textos que são colocados online. Os novos programas computacionais permitem que indivíduos de diferentes grupos sociais e diferentes faixas etárias se expressem através de múltiplas linguagens, imagens, arquivos de voz e vídeos, por exemplo, o que pode vir a facilitar a possibilidade de expressão inclusive de grupos menos letrados.

Em relação aos estudos da linguagem, que é minha área de pesquisa, as análises dos textos veiculados pela internet, em diferentes ambientes digitais, mostram que a mediação do computador propiciou o surgimento de novos gêneros textuais e também a mudanças nos gênero já existentes. Gêneros antes privados como diários pessoais hoje circulam na esfera pública e são abertos para a comentários e questionamento em ambientes como os blogs. Indiscutivelmente a internet nos propicia o acesso, na esfera pública, a uma gama de vozes sociais muito mais variada e ampla do tínhamos acesso anteriormente. O problema que se coloca em relação a esses textos (sejam formais ou informais) é que, no contexto digital, eles podem ser efêmeros. Como relatos orais, essas vozes podem se perder se não forem de alguma forma preservadas seja na forma impressa, seja em arquivos digitais.

Em relação à correspondência privada, o mesmo problema se coloca. Sabemos que a tecnologia afetou diretamente nossa prática epistolar. Nossos relatos sobre a vida cotidiana e familiar já não são feitos através de cartas. Essa mudança que hoje nos assusta, quando pensamos na construção da história futura, na realidade começou bem antes da popularização do uso dos e-mails. Não foi a correspondência digital, mas sim a tecnologia do telefone que gerou tais mudanças. Se pensarmos nessa direção a tecnologia de e-mail veio facilitar e não criar um problema adicional: e-mails podem ser impressos ou guardados em

arquivos digitais, o que não acontece com as conversas telefônicas. Mas como agora a internet já permite o uso do computador para interações orais à distância, creio que rapidamente voltaremos para a situação anterior.

Feitas essas colocações mais gerais, gostaria de refletir um pouco sobre os receios que são colocados em relação ao impacto do computador na preservação da memória e correspondência, que é o tema desta mesa. Acredito que alguns destes receios sejam gerados pela nossa dificuldade de aceitar que a malha social, a história e a linguagem são dinâmicas. Como é natural, tendemos a temer o que não nos é familiar. Isso aconteceu com Sócrates em relação à escrita, isto acontece conosco em relação a novas tecnologias e seu impacto sobre a linguagem e as interações no âmbito público e privado.

De um modo geral, em relação ao trabalho que hoje fazemos na academia, é importante ressaltar que as novas tecnologias nos fazem confrontar duas grandes mudanças em relação à nossa prática de análise de documentos.

Em primeiro lugar, temos que considerar que ainda privilegiamos as informações registradas de forma escrita. Dentro dessa orientação, reconstruímos a história a partir de documentos verbais escritos ou depoimentos orais gravados e geralmente transcritos. Paralelo a essa cultura grafocêntrica que prevalece nos meios acadêmicos, existe uma cultura da mídia que é fundamentalmente multimodal e se constrói a partir da exploração dos recursos expressivos de múltiplas linguagens. Os recursos computacionais só vieram acelerar um processo de visualização da comunicação que há muito vem ocorrendo como apontam alguns estudos recentes (Kress e van Leeuwen, 2001; Souza, 2001). Possivelmente os estudos futuros sobre a memória na era digital terão que considerar também textos multimídia e hipermídia, já que este tipo de texto vem sendo cada vez mais central no processo de construção e divulgação da cultura. Talvez, o que estamos constatando no momento presente, não seja a ausência de registro de documentos para estudos futuros, mas sim a ausência da produção do tipo de documento que até então temos considerando como fonte primária para os estudos da memória.

Outra questão a ser considerada é a de que a construção da cultura atual talvez não dependa apenas de textos narrativos, verbais ou multimodais, que ainda mantêm uma estrutura linear e seqüencial com um começo, um meio e um fim. Aprendemos a ver o mundo de forma narrativa, mas o acúmulo de informações que temos atualmente talvez demande também formas alternativas de construção do conhecimento. Nessa direção, Manovich (2001), recorrendo à metáfora do banco de dados, sugere que estamos hoje convivendo com dois tipos de cultura: a cultura da narrativa com a cultura do banco de dados. O banco de dados não se limita ao computador: pode ser, por exemplo, uma biblioteca, um museu, ou qualquer

coleção maior de dados culturais. Segundo Manovich, o banco de dados, assim como a narrativa representa uma forma de organizar a experiência humana. Na era do computador e da internet, os bancos de dados são construídos e organizados a partir sistemas de categorização bastante robustos que facilitam a busca e a recuperação da informação armazenada. O uso dessa coleção de informações é, segundo Manovich, muito diferente de ler uma história narrativa ou assistir a um filme. O autor reforça também que o universo das novas mídias traz exemplos bastante concretos desses dois modos de representar e interagir com a representação de dados culturais.

Essas colocações, bastante provocativas, me fazem pensar que, além de considerar outros tipos de textos e linguagens, teremos, no futuro, que desenvolver novas estratégias e habilidades cognitivas de leitura, necessárias para as novas formas de construção do conhecimento. Nossa academia hoje em muito se distancia daquela da Grécia clássica, entre outras coisas, porque depende diretamente de textos escritos. Certamente a academia do futuro será diferente na medida em que incorporar o computador como uma ferramenta a mais para apoiar o processo de ensino e aprendizagem. Não vejo esse conjunto de mudanças como sendo intrinsecamente problemático. No entanto, preocupa-me o fato de estarmos deslocando o foco das nossas preocupações para a ferramenta computador e não para um conjunto de tendências sócio-estruturais que geraram a criação e o desenvolvimento dessa máquina e, principalmente, fizeram dela certos usos e não outros usos possíveis.

Recebi recentemente uma cópia de uma crônica de Matthew Shirts que me foi enviada pela professora Olga von Sinsom. Essa crônica saiu publicada em *O Estado de S. Paulo* e discute o fato de que sites como o *Google* que oferecem serviço de e-mail tem robôs que varrem as mensagens em busca de palavras chaves e criam a partir delas um perfil computadorizado do usuário. Esse perfil determina que anúncios comerciais serão disponibilizados na tela. O autor aponta na crônica a sua preocupação com a invasão da privacidade na era digital. Isso é um fato. Mas mais preocupante que isso é a constatação da realidade de que nessa época de globalização do mercado deixamos de ser vistos como sujeito e passamos a ser vistos como meros consumidores. Para um mercado globalizado, não é interessante preservarmos o singular e nem as diferenças. Mais interessante para esse mercado global é padronizar as culturas de modo a criar o consumidor ISO 9000, previsível, “categorizável” e orientado pela ética do consumo e do descarte. Dentro desta ética, a preservação da história ou do indivíduo não fazem muito sentido. Poderíamos dizer que descartamos documentos porque o volume de informação que circula favorece e instiga esse descarte, o que possivelmente é um fato. No entanto, descartamos com a mesma lógica, pessoas que, pelos princípios norteadores da ideologia mercantilista da oferta e da demanda, se tornaram supérfluas. A nova lógica do

mercado justifica a exclusão daqueles que não usam a língua padrão, não tem o corpo padrão, a idade padrão e assim por diante....

Acredito que nesse momento em que nos encontramos, cabe a nós construir um contra-discurso resgatando o valor da identidade do particular e do singular, recuperando de forma crítica a referência da história. É importante nos entendermos como sujeitos sócio-históricos para assumirmos de forma mais ativa o nosso papel de agentes que constroem a história. Como agentes, podemos usar o computador, que por vezes temos, como um aliado poderoso no processo de registro, organização e recuperação dos diferentes tipos de documentos que circulam nas esferas públicas e privadas. Nossa preocupação no momento histórico atual não deve pois, a meu ver, ser técnica, mas sim ética.

Previendo que na platéia haja muitos historiadores, vou concluir minha fala com o registro que eu fiz de um relato oral coletado enquanto eu escrevia essa comunicação. Fiz a seguinte pergunta ao meu bolsista trabalho, que acaba de entrar na graduação da Unicamp:

“Elifaz, se você recebesse um lindo e-mail de amor, você apagaria?”

A resposta foi: “eu não professora. Inclusive eu imprimi e guardei a cópia dos e-mails que recebi dizendo que eu tinha ganho a vaga na Unicamp.”

Enquanto não perdermos a referência do que é *ser humano*, certamente encontraremos formas de preservar as memórias que nos são caras.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAVELOCK, Eric. “A equação da oralidade - cultura escrita: uma formula para a mente moderna. In: *Cultura escrita e oralidade*. Olson, D.R. e Torrance, N. (eds). São Paulo: Editora Ática, 1991.

KRESS, Gunter e van LEEUWEN, Theo. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication* London: Arnold, 2001.

MANOVICH, Lev. *The language of the new media*. Vambridge, Massachusetts, The MIT Press, 2001.

Platão, Fedro, 274c- 275 e

SNYDER, Ilana New media and cultural forms: narrative versus database ([www.geocities.com/c.lankshear/newmedia.html](http://www.geocities.com/c.lankshear/newmedia.html))

SOUZA, Lynn Mario Trindade Menezes de. *Voices on paper: multimodal texts and indigenous literacy in Brazil*. Social Semiotics. London: v. 13, n. 1, p. 29-42, 2003